

Resenha

Considerações sobre a teoria lacaniana das psicoses*

SOUZA LEITE, M. P. “Questões preliminares à psicanálise de psicóticos”, Palestra. Iª Semana de Psicanálise. Novembro-1987, PUC-SP (www.marciopeter.com.br).

Daniela de Camargo B. Affonso

Em tempos em que os debates giram em torno da forclusão generalizada ou da psicose ordinária, pareceu-me interessante resenhar um texto em que o autor, com sua reconhecida clareza, procura retomar alguns pontos bastante fundamentais (na medida em que remetem aos fundamentos) da teoria lacaniana da psicose. Penso ser ainda mais importante recuperar tais conceitos, na medida em que permitem o cotejamento com as discussões mais recentes sobre o tema.

Nesta palestra direcionada a um público não necessariamente informado sobre a psicanálise lacaniana, procura enfatizar as consequências do posicionamento de Lacan na teoria da psicose, seja diante de outras disciplinas – especialmente a psiquiatria – seja em relação às próprias teorizações de Freud.

A psicose é fundamental para a teoria lacaniana na demonstração da relação do sujeito com o significante, a tal ponto que se pode dizer que a paranoia está para Lacan, assim como a histeria está para Freud.

Após a tese de Lacan sobre a paranoia, passaram-se 25 anos para que ele retomasse o tema, desta vez na perspectiva propriamente de seu ensino, no seminário de 1956, que resultou no escrito *Uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*.

Márcio Peter retoma o texto de 1946, *Formulações sobre a causalidade psíquica*, em que Lacan debate com Henry Ey a questão da psicose, destacando o seguinte trecho: “Longe de a loucura ser um fato contingente das fragilidades de seu organismo, ela é virtualidade permanente de uma falha aberta na sua essência”.

Lacan, com isso, descarta a organicidade das psicoses, reintroduzindo a especificidade da psicanálise e “decidindo” a polêmica que se mantinha decorrente da ambiguidade de Freud quanto à possibilidade de haver uma explicação neuroquímica das psicoses. Enfatiza, também, o fato de que a psicanálise, ao descobrir o lugar prevalente da palavra na existência humana, afirma que a palavra, mais que o centro, é o eixo da existência.

A partir daí, o autor desenvolve algumas considerações sobre as relações entre a clínica psiquiátrica e a clínica psicanalítica. Lacan introduziu o sujeito na psicose, quando esta era medida em termos de déficit, do não funcionamento de certas funções mentais. A psicanálise constituiu sua clínica a partir da psiquiatria, mas estabeleceu uma especificidade na medida em que o único meio que a psicanálise tem para a sua investigação são as palavras, pois, tanto na neurose, quanto na psicose, trata-se da relação do sujeito com o significante.

O autor destaca três especificidades da psicanálise em relação à psiquiatria: o sintoma, a demanda e a transferência.

O sintoma, na clínica psiquiátrica, é constituído pela observação do psiquiatra. Ele observa, descreve e classifica. Na psicanálise, o sintoma é constituído na experiência analítica; ele só existe se é falado pelo paciente. O analista, desde esse ponto de vista, faz parte do sintoma do paciente.

A demanda feita ao psiquiatra é demanda social; a demanda endereçada ao psicanalista é fruto do desejo do paciente e depende de uma suposição de saber no analista sobre o seu problema, suposição que é a estrutura da transferência.

A transferência é, pois, o contexto em que é realizado o diagnóstico, diferentemente da psiquiatria em que este é feito a partir de elementos descritivos, da intensidade dos sintomas e das noções de déficit e dissociação.

Antes de abordar a estrutura psicótica, Márcio Peter faz uma diferenciação entre a estrutura psicótica, a psicose e o psicótico.

Em decorrência das vicissitudes do Complexo de Édipo, o sujeito pode ou não desenvolver uma estrutura psicótica, condição para que ele se torne um psicótico. Isso equivale a dizer que alguém que tenha uma estrutura psicótica poderá ou não desenvolver uma psicose, mas só a desenvolverá se possuir a estrutura para tal. O autor lembra o que Lacan escreveu na parede do hospital onde fazia residência: “só é psicótico quem pode”. A estrutura psicótica, diante de certas condições, desencadeia um surto psicótico, que é a atualização dessa estrutura.

Lacan, explica o autor, coloca a paranoia como eixo em relação à esquizofrenia, de tal forma que o eixo organizador das psicoses passa a ser a paranoia. A partir daí, organiza o campo das psicoses fazendo equivaler a paranoia ao momento do narcisismo, na teoria freudiana, o que corresponderia ao estágio do espelho, em seu ensino. A esquizofrenia, que em Freud seria uma regressão ao auto-erotismo, em Lacan corresponde ao corpo despedaçado. Para Lacan, portanto, pode-se dizer que o esquizofrênico adoece por falta de paranoia, falta do elemento organizador do despedaçamento do corpo, proporcionado pelo estágio do espelho.

Deste posicionamento lacaniano, decorre que só é analisável a parte paranóica da esquizofrenia, na medida em que a lógica da psicose se dá pela paranoia, e a esquizofrenia seria a ausência de uma lógica na relação do sujeito com o significante.

Após essa introdução, Márcio Peter aborda a especificidade da estrutura psicótica. Nesse aspecto, enfatiza, há um avanço fundamental de Lacan em relação à Freud. Enquanto Freud identificou o inconsciente com o recalado, Lacan afirmou que elementos poderiam ser inconscientes por efeito de outro mecanismo, diferente do recalque. Na psicose trata-se da falta essencial de um significante primordial que se deve a um acidente no Édipo, a Verwerfung. Este termo, utilizado de forma esparsa por Freud, é tomado por Lacan que o organiza, dando-lhe o nome de foraclusão. Foraclusão é um termo jurídico que diz respeito ao fato de que um crime, por ter sido prescrito, não poder mais ter seu responsável punido, por não haver legislação anterior.

O significante que falta, em decorrência da foraclusão, é o significante do pai. Não o pai – destaca Márcio Peter – como sujeito biológico, mas como significante, denominado por Lacan “Nome do Pai”, o significante da lei no Outro. “Lacan define a causa estrutural das psicoses como a impossibilidade de que o significante pai advenha no nível do simbólico”, explica.

O Nome do Pai é o significante que estabelece a organização dos significantes, assegurando a estabilidade do pequeno mundo de todos nós, afirma Márcio Peter.

Finalmente, o autor pergunta se é possível uma psicanálise da psicose, uma vez que esta decorre de uma alteração no simbólico que resulta na impossibilidade de suposição de saber no Outro. Não há suposição, há atribuição de certeza no Outro. Esta atribuição de certeza caracteriza a irredutibilidade do delírio do psicótico; o psicótico não duvida de suas afirmações, por isso, diz-se que ele delira. A via do simbólico, afirma Márcio Peter, via da análise por excelência, em que se joga o discurso e seus equívocos, fica alterada. O psicótico está fora do significado, porém não está fora da linguagem.

Para Lacan, o psicótico só é tratável pela psicanálise a partir de uma manobra na transferência que consistiria numa mudança necessária da posição que o psicótico ocupa no início da situação analítica: em decorrência de sua estrutura, coloca-se frente à demanda do outro como objeto, lugar este que o analista deve ocupar.

O autor diz: “E justamente quando Lacan formaliza a via do real na análise, que é a do analista como objeto, é que se vai tornar possível efetivar a prática psicanalista com psicóticos”.

Afirma também que Lacan nunca chegou a formalizar esta manobra necessária na transferência de psicóticos, que consistiria numa inversão do lugar que o paciente ocupa em relação ao analista no início do tratamento. A indicação retirada de Lacan é que o analista se coloque como secretário do alienado. Se o psicótico não tem acesso à castração, é totalmente invadido pelo gozo do Outro. Ao se colocar como secretário do alienado, o analista se posiciona como sujeito castrado diante desse outro, marcando limites ao psicótico.

Márcio Peter enfatiza que tais indicações do tratamento de psicóticos são apenas proposições e que “o importante é mantermo-nos firmes quanto àquela proposta de Lacan de não retrocedermos diante da psicose, principalmente daquilo que temos a aprender com ela”.

Para concluir, retomo alguns trechos em *De uma questão preliminar...* para, voltando a Lacan, procurar ilustrar a fala de Márcio Peter:

“Tentemos agora conceber uma circunstância da posição subjetiva em que o apelo ao Nome-do-Pai corresponda, não a ausência do pai real, pois essa ausência é mais do que compatível com a presença do significante, mas a carência do próprio significante.” (*Escritos*, p. 563).

“Extraímos de vários textos de Freud um termo suficientemente articulado neles para torná-los injustificáveis, caso esse termo não designe ali uma função do inconsciente distinta do recalcado. (...) esse termo se relaciona com a implicação mais necessária de seu pensamento, quando este se confronta com o fenômeno da psicose: o termo *Verwerfung*.” (*Escritos*, p. 564).

“A *Verwerfung* será tida por nós, portanto, como *foraclusão* do significante. No ponto em que, veremos de que maneira, é chamado o Nome-do-Pai, pode pois responder no Outro um puro e simples furo, o qual, pela carência do efeito metafórico, provocará um furo correspondente no lugar da significação fálica.” (*Escritos*, p. 564).

“É num acidente desse registro e do que nele se realiza, a saber, na *foraclusão* do Nome-do-Pai no lugar do Outro, e no fracasso da metáfora paterna, que apontamos a falha que confere à psicose sua condição essencial, com a estrutura que a separa da neurose.” (*Escritos*, p. 582).

“Para que a psicose se desencadeie, é preciso que o Nome-do-Pai, *verworfen*, *foraclusido*, isto é, jamais advindo no lugar do Outro, seja ali invocado em oposição simbólica ao sujeito. É a falta do Nome-do-Pai nesse lugar que, pelo furo que abre no significado, dá início à cascata de remanejamentos do significante de onde provém o desastre crescente do imaginário, até que seja alcançado o nível em que significante e significado se estabilizam na metáfora delirante.” (*Escritos*, p. 584).

“Todo o mundo sabe que nenhuma elaboração do mecanismo da transferência, não importa quão douta, conseguiu fazer com que ela não seja concebida, na prática, como uma relação puramente dual em seus termos e perfeitamente confusa em seu substrato.” (*Escritos*, p. 583).

“O que afirmamos aqui é: ao se reconhecer o drama da loucura, põe-se a razão em pauta, *sua res agitur*, porque é na relação do homem com o significante que se situa esse drama.

O perigo que evocaremos, de delirar com o doente, não é para nos intimidar, como não intimidou a Freud.

“Com ele, sustentamos que convém escutar aquele que fala, quando se trata de uma mensagem que não provém de um sujeito para-além da linguagem, mas de uma fala para-além do sujeito.” (*Escritos*, p. 581).

“Deixaremos neste ponto, por ora, essa questão preliminar a todo tratamento possível das psicoses, que introduz, como vemos, a concepção a ser formada do manejo, nesse tratamento, da transferência.

Dizer o que podemos fazer nesse terreno seria prematuro, porque seria ir, agora, ‘para além de Freud’, e não se trata de superar Freud quando a psicanálise segundo Freud, como dissemos, voltou à etapa anterior.

Pelo menos, é isso que nos afasta de qualquer outro objetivo senão o de restaurar o acesso à experiência que Freud descobriu.

Pois usar a técnica que ele instituiu fora da experiência a que ela se aplica é tão estúpido quanto esfalfar-se nos remos quando o barco está encalhado na areia.” (*Escritos*, p. 590).

* Texto apresentado na 3ª Reunião da Seção Epistêmica da CLIPP (6.12.2010).